

O WORKSHOP DE PROJETO DE ARQUITETURA E URBANISMO COMO INSTRUMENTO PEDAGÓGICO

Em busca de um embasamento teórico e metodológico de uma prática difundida.

INEICHEN, JULIEN

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo
Centro de Tecnologia, Campus Universitário Lagoa Nova, Caixa Postal 1524
CEP 59072-970 – Natal/ RN – BRASIL
julien.ineichen@gmail.com

Palavras-chave: Workshop, Instrumento Pedagógico, Embasamento Teórico

Resumo

O presente artigo apresenta reflexões sobre a prática do *Workshop* de Projeto de Arquitetura e Urbanismo e a suas potencialidades e limites no âmbito do ensino acadêmico. Partindo de um estudo de caso, o *IV Workshop Internacional de Desenho Urbano do Recife*, iremos situar este dispositivo pedagógico em relação ao Ateliê de Projeto de Arquitetura e Urbanismo, e seu surgimento na evolução do ensino destas disciplinas. Em seguida, mostraremos porque a atividade do *Workshop*, que cada vez mais tem interessado universidades no mundo inteiro, oferece um contexto singular para o desenvolvimento de uma reflexão original sobre a questão da concepção arquitetônica e urbana, e investigaremos de que maneira esse tipo de processo pedagógico, através da natureza de seus atores, de suas temporalidades e de seus objetivos, oferece um objeto de estudo onde se cruzam questões relacionadas tanto ao ensino, quanto à pesquisa e ao mundo profissional.

1. INTRODUÇÃO

Workshop - Sedes de Jogos da Copa da 8ª Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo, *Workshop* - Qualidade do Lugar e Cultura Contemporânea da UFRJ, *Workshop* do V Projetar 2001. No âmbito da Arquitetura e Urbanismo, o uso do termo *Workshop* hoje em dia no Brasil, é muito freqüente. Seu significado portanto não é muito definido. Usado às vezes como sinônimo de reunião, seminário ou evento de trabalho colaborativo, o *Workshop* é tão abrangente quanto sua tradução para o português, oficina. Neste artigo, o *Workshop* que pretendemos discutir pode ser definido, antes de tudo, como um tipo particular de Ateliê de Projeto de Arquitetura e Urbanismo. Nós o definimos como um Ateliê intensivo de curta duração.

Nossa reflexão está focada sobre a prática deste evento no contexto internacional, âmbito no qual a palavra *Workshop* é usada com muita freqüência. Além disso, a utilização deste termo nos

permite denominar o objeto que pretendemos discutir e defini-lo em relação a uma oficina tradicional de um Ateliê de Projeto de Arquitetura e Urbanismo. Por esta razão utilizaremos a terminologia inglesa, *Workshop*, e não sua tradução.

Na aproximação do conceito de *Workshop* que pretendemos desenvolver neste artigo, é interessante citar também o termo de *Charrette*¹. De origem francesa, e também usada no mundo anglo-saxão, a *Charrette* vem sendo adotada pelos norte americanos para definir um tipo de oficina que é muito familiar ao nosso objeto de estudo. Em um artigo sobre *Charrettes*, o pesquisador norte americano Andrew Mara (2006) cita o reitor da Escola de Arquitetura e Planejamento da Universidade do Michigan, Kelbaugh que descreve algumas das características distintivas da *Charrette* e como ela é usada com os alunos dele. Kelbaugh explica:(MARA, 2006)

A palavra [charrette] tem sido revivida nos últimos anos para descrever uma oficina de design em que os designers trabalham intensamente em um problema e apresentam suas conclusões e propostas em um fórum público. O que é exatamente uma *Charette* de design? A resposta curta é que é um *brainstorm* ilustrado A *Charrette* normalmente lida com um problema de design urbano de importância social e cívica Elas foram criadas para favorecer soluções viáveis e criativas para clientes reais e usuários, ao contrário de um exercício teórico ou pedagógico em prol do corpo docente ou estudantes. (KELBAUGH, 1997, p. 14)

Como vamos ver, esta descrição da *Charrette* sobrepõe muitas características do objeto que pretendemos discutir neste artigo, porém devido a ausência desta terminologia no contexto brasileiro, preferimos trabalhar com a palavra *Workshop* que tem uma presença recorrente na cultura disciplinar local.

Buscando situar este *Workshop* em relação ao Ateliê de Projeto de Arquitetura e Urbanismo, iremos primeiro fazer uma leitura do ponto de vista histórico à luz do artigo de Juliana Torres de Miranda, *A relação entre teoria e prática na arquitetura e seu ensino: teoria reflexiva e projeto experimental* (TORRES DE MIRANDA, 2007).

Em seguida para visualizar a força de disseminação desta prática ao redor do mundo e ao longo do tempo, iremos apresentar algumas referências de *Workshops* realizados tanto no Brasil quanto no Exterior. A partir deste primeiro panorama, iremos fazer um recorte das características que nos parecem essenciais à análise deste fenômeno. Levantaremos a dimensão inovadora do processo didático, o potencial de interação entre academia e sociedade e seu papel catalisador no contexto intercultural.

Para aprofundar a discussão destes três elementos, iremos analisar seus funcionamentos e

rebatimentos no estudo de caso do *IV Workshop Internacional de Desenho Urbano do Recife*ⁱⁱ. Este *Workshop* de duas semanas realizado em 2009, proporcionou um processo de projeto colaborativo entre uma universidade brasileira, uma universidade francesa assim com uma série de atores locais relacionados a questão do transporte urbano fluvial. Esta exemplificação do *Workshop* através do roteiro de trabalho, os atores e os produtos nos permitirá discutir e cercar os limites e potenciais deste tipo de oficina.

Encerraremos nossa reflexão com alguns pontos que levantaram esta breve análise. Mesmo que a prática do *Workshop* seja amplamente difundida, e que seus colaboradores concordem em elogiá-la, é necessário desenvolver estratégias que possam medir as qualidades efetivas destes procedimentos, tanto para poder integrá-la melhor, se for o caso, na grade curricular formal das universidades brasileiras, quanto para poder aperfeiçoar seu próprio processo.

2. O WORKSHOP DO PONTO DE VISTA HISTÓRICO

Como foi colocado na introdução, o *Workshop* tratado neste artigo é definido, antes de tudo, como sendo um tipo particular de Ateliê de Projeto de Arquitetura e Urbanismo. Ele é um Ateliê Intensivo de curta duração. Juliana Torres de Miranda no seu artigo: *A relação entre teoria e prática na arquitetura e seu ensino: teoria reflexiva e projeto experimental* (TORRES DE MIRANDA, 2007), desenvolve uma perspectiva histórica do Ateliê como objeto de ensino específico destas disciplinas. Através desta leitura, vamos ver quais foram as premissas e o surgimento de nosso objeto de reflexão.

No período greco-romano, a prática da arte da edificação se aprendia no canteiro de obras e no ateliê do mestre. Vitruvius colocava que a educação dos arquitetos deveria envolver duas áreas: a teoria, que era a habilidade de demonstrar e explicar os princípios da proporção, e a prática, o contínuo e regular exercício do emprego, em que o trabalho manual se dava (citado por Broadbent, 1995). O ensino da construção de edificações não tinha seu lugar na Academia de Platão, reservada à teoria pura.

O *Quattrocento* italiano mudou esta concepção. Com a construção do Domo da catedral de Fiori, F. Brunelleschi instaurou uma nova divisão social do trabalho separando a concepção do projeto de sua execução. Ele introduz assim uma nova racionalidade no trabalho do arquiteto (BOUTINET, 1993). Coube, em seguida, ao teórico da arquitetura, L.B. Alberti, no seu *De re aedificatoria*, sistematizar o pensamento do Arquiteto como um intelectual afastado dos canteiros de obras, elevando o status da Arquitetura da categoria de simples atividade manual à atividade teórica. Em seguida, as portas das Academias se abriram ao ensino teórico da Arquitetura, oferecendo assim, uma complementaridade de ensino ao simples trabalho no ateliê dos mestres.

A partir da consolidação do modelo de ensino das academias francesas no começo do século XVIII, ilustrado pela *École Royale des Beaux-Arts*, identifica-se uma dissociação entre teoria e prática no ensino da Arquitetura. O objetivo era transformar o arquiteto, até então considerado um artesão, em um intelectual e artista.

Promovendo essa disjunção no ensino da Arquitetura entre os conteúdos teóricos e a prática, a Academia expôs a própria disciplina a uma crise de legitimação. Contudo, o arquiteto urbanista que ainda ambicionava edificar a cidade, continuava adquirindo as habilidades e os conhecimentos de desenho e a prática de projeto nos ateliês dos mestres.

Foram nas Escolas Politécnicas do século XIX, que a Arquitetura como arte da construção, encontrou um espaço para integrar a noção científica à prática. Dedicado ao projeto de pontes, fortificações e outras obras públicas, este novo ensino politécnico incorporou plenamente a idéia da prática como uma técnica em que se aplicam conhecimentos científicos. Iniciou-se, assim, a separação entre engenheiros e arquitetos, deixando estes últimos nos ateliês das academias onde se pregava ainda a lógica compositiva e a estilística.

No século seguinte, na Alemanha dos anos 20, nasce um modelo de ensino da Arquitetura radicalmente diferente, a escola *Bauhaus*. Sob a direção de Walter Gropius, este novo projeto pedagógico que se tornaria modelo da Arquitetura Moderna, pretendia reconciliar a Arquitetura com a abordagem científica e o crescimento da moderna indústria da construção. Gropius defendia a educação do artista-artesão para o design com base em *Workshops*. A ideia era romper as barreiras entre disciplinas e assim responder à crescente produção industrial. Apesar do processo pedagógico da *Bauhaus* valorizar a racionalidade e a objetividade de seus métodos de projeto, nesta Escola pregava-se também o aprender a partir do fazer, em vez da dedicação exclusiva à teoria.

A pedagogia da *Bauhaus* se difundiu pela Europa e pela América e se tornou uma referência para o ensino da Arquitetura. Muitos consideram que, desde então, não apareceu uma pedagogia radicalmente diferente, mas temos observado uma série de tentativas que visam atingir as metas de integração entre teoria e prática e entre as disciplinas pregadas pela *Bauhaus* (LARA, 2003).

O *Workshop* que nós investigamos na nossa pesquisa é fruto desta cultura do Ateliê de projeto de Arquitetura e Urbanismo desenvolvida pela *Bauhaus*. Com o formato de um ateliê de projeto intensivo de curta duração, ele visa, em geral, atingir os mesmos objetivos pedagógicos, ainda que por meio de procedimentos diferentes.

3. O WORKSHOP: UMA PRÁTICA DIFUNDIDA

Este tipo de *Workshop* encontra um interesse crescente no currículo acadêmico das universidades no mundo inteiro. O pavilhão suíço da XI Bienal de Arquitetura de Veneza, em 2008, exemplifica bem este fato. A exposição, *Explorations in Architecture: Teaching, Design, Research*, que buscou conduzir uma reflexão sobre as práticas contemporâneas do ensino e da pesquisa em Arquitetura, apresentou duas experiências pedagógicas, realizadas nas Escolas Politécnicas Federais Suíças, que se articularam em torno de um *Workshop*. A primeira, liderada pelo professor Harry Guger, aconteceu em Cuba durante duas semanas, e tinha como objetivo requalificar uma das principais ruas do centro histórico de Havana. A segunda, coordenada pelo professor Marc Angéilil, ocorreu em Adis Abeba, onde os alunos desenvolveram estratégias de intervenção para as áreas urbanas em toda a cidade. Estes dois exemplos, que não serão aqui aprofundados, têm como objetivo ilustrar o conceito de “investigação em design”, que os organizadores da exposição queriam destacar (GEISER; STAUB, 2008). Existem muitas outras realizações recentes, que poderíamos citar, mas estes dois estudos de caso, devido à atenção que lhes foi dada e as suas abordagens pedagógicas inovadoras demonstram o interesse atual do mundo acadêmico pelo *Workshop*.

Além dos exemplos atuais é interessante notar que arquitetos como Peter Eisenman, Rem Koolhaas e Giancarlo de Carlo desenvolveram, a partir da década de 70, usos muito intensos do *Workshop*. De fato foi em Nova York, no Instituto para os Estudos Arquiteturais e Urbanos (IAUS), dirigido por Peter Eisenman, que Rem Koolhaas desenvolveu vários *Workshops* que participaram, entre outros, da produção dos estudos apresentados no célebre livro “*Delirious New York*” (FOERSTER, 2008). Nesta mesma época, Giancarlo de Carlo fundou o Laboratório Internacional de Arquitetura e Urbanismo (ILAUDⁱⁱⁱ), onde coordenou ininterruptamente, entre 1976 e 2003, *Workshops* de Verão envolvendo arquitetos do mundo inteiro nas cidades de Urbino, Siena, San Marino e Veneza, sucessivamente (ZARDINI, 1997).

No contexto brasileiro, identificamos também vários exemplos significativos desta prática. “Recife: Utopia Viva” evento organizado em 1992 pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de Pernambuco (FAUPE) é, segundo Vitória Andrade, Presidente do IAB Pernambuco, o primeiro *Workshop* de desenho urbano no Brasil (ANDRADE, 2010). Alguns anos depois entre os anos 2000-2010, o professor de Arquitetura e Urbanismo José de Souza Brandão Neto, da Universidade Federal de Pernambuco, se destacou com a realização de uma série de *Workshops* em colaboração com universidades estrangeiras tais como a *University of Westminster*, a *Architectural Association School of Architecture* e a *École Nationale Supérieure d'Architecture de Marseille*^{iv}. Neste mesmo período de tempo, foram realizados pela FAU/UFRJ uma série de *Workshops* intitulados: *Oficinas Arquitetura da Paisagem*. As professoras Maria Ângela Dias e Vera

Regina Tângari relatam que o “objetivo destas oficinas era integrar a comunidade acadêmica à cidade, através da troca de conhecimentos e de experiências que não se restringem ao universo do currículo formal de ensino, nem ao campo específico de pesquisa e nem mesmo às atividades características de extensão. Neste sentido, a realização das oficinas seguiu o princípio da integração entre ensino, pesquisa e extensão, congregando: professores da FAU/UFRJ e de outras universidades, brasileiras e estrangeiras; profissionais de várias instituições, públicas e privadas; alunos de graduação e pós-graduação e público externo.” (DIAS; TÂNGARI, 2009, p. 1). Nos últimos anos, podemos levantar uma outra iniciativa relacionada ao paisagismo que fez do *Workshop* sua principal ferramenta de atuação, o QUAPÁ-SEL. O QUAdro do Paisagismo no Brasil – Sistema de Espaços Livres é uma rede de pesquisadores coordenada pelo professor Sílvio Macedo da FAUUSP que está realizando oficinas intensivas de três dias em todo o país, envolvendo professores e alunos das Universidades Federais, assim como participantes do exterior com o objetivo de levantar a problemática dos espaços livres e a constituição da esfera pública contemporânea no Brasil (MACEDO, 2011). É interessante notar também que algumas escolas estrangeiras, ultimamente têm oferecido *Workshops* no Brasil. Citaremos o caso da *Architectural Association School of Architecture* de Londres que desde 2009 tem proposto através do projeto *Visiting School*, um programa anual de *Workshop* em São Paulo e no Rio Janeiro^v (PEIRCE, 2010).

Cada um destes exemplos tem contextos e objetivos próprios, que os distinguem, consideravelmente, um dos outros, porém eles compartilham um formato de oficina: a pluralidade dos atores, uma problemática social atual e o uso de um processo de projeto intenso e de curta duração. Uma característica que precisa ser destacado no contexto brasileiro é que na maioria dos casos parece que, mesmo sendo organizados num contexto acadêmico com objetivos educativos e de pesquisa, estas atividades não foram integradas de maneira formal na grade curricular das Universidades. Isso indica que mesmo se o *Workshop* tem se mostrado na paisagem educativa, ainda não tem sido usado pelos meios acadêmicos como um instrumento pedagógico formal, mas como dinâmica de trabalho para eventos pontuais. Os *Workshops* oferecidos no *Projetar 2009* e agora no *Projetar 2010* ilustram esta concepção.

Essa visão geral sobre exemplos marcantes de *Workshops*, nos confirma a vitalidade desta prática ao longo do tempo e ao redor do mundo. Além disso, esta primeira constatação valida a ideia de que nós não estamos diante de uma prática efêmera, mas frente a um fenômeno em processo de estruturação e crescente expansão.

Nestes exemplos podemos identificar que o *Workshop* tem permitido a experimentação de métodos de ensino inovadores, tem sido ponto de encontro entre pesquisas acadêmicas e necessidades sociais, e tem fornecido bases para uma cooperação intercultural. Porém, mesmo se estas qualidades têm provavelmente participado em grande parte na propagação desta prática

ao redor do mundo, o *Workshop* ainda carece de embasamento teórico e metodológico que possibilite uma definição e avaliação efetiva destas potencialidades.

4. ESTUDO DE CASO EM DISCUSSÃO

Para analisar um *Workshop*, inicialmente, nos parece interessante apresentar uma analogia que o Professor Stéphan Hanrot faz ao falar deste tipo de oficina, que ele vem experimentando na Escola Nacional Superior de Arquitetura de Marselha há quase dez anos. Segundo Hanrot, “Imaginar um ensino, uma formação ao projeto, é pensar em um roteiro de peça de teatro. Os atores? Alunos, outros professores, mas também profissionais externos. Os alunos são todos diferentes: na maturidade, nos campos de interesse, no investimento no trabalho. Os professores? É a mesma coisa, possuem mais ou menos experiência pedagógica, competências apropriadas. Os profissionais externos? Eles são muitas vezes intransigentes em relação ao ensino, e é melhor assim, seguindo sua própria lógica, brandindo sua experiência como legitimidade, eles cardam a lã dos estudantes com vigor. Não há nada de homogêneo lá dentro. Por esta razão, a peça de teatro tem que deixar um bom espaço para improvisação.” (L-AST, 2009, p. 5)

No caso do IV *Workshop Internacional de Desenho Urbano do Recife*, Stéphane Hanrot viajou de Marselha para Recife, juntamente com dez alunos de Mestrado e uma professora assistente. Esta trupe de franceses se juntou aos 20 estudantes de graduação e pós-graduação da Universidade Federal de Pernambuco, acompanhados por 3 professores do departamento de Arquitetura e Urbanismo, Circe Monteiro, Luis Amorim e Zeca Brandão. A maioria dos alunos brasileiros eram arquitetos, porém contamos também com dois geógrafos e um designer industrial. Além dos alunos participaram deste grupo de trabalho seis profissionais arquitetos autônomos, dois funcionários da Secretaria da Cidade do Estado de Pernambuco e um funcionário da empresa do Metrô do Recife, a METROREC. Durante 10 dias estes trinta e oito protagonistas colaboraram para desenvolver propostas que respondessem a problemática estabelecida: “As potencialidades dos *BarcoBus* como alternativa para o transporte urbano”. O drama tinha como pano de fundo o transporte urbano da cidade do Recife, e o desafio era identificar uma saída sustentável através da topografia peculiar da Veneza brasileira.

O roteiro que serviu como guia destes atores neste percurso estava estruturado da seguinte forma: Para permitir que os recém chegados conhecessem este território o mais rapidamente possível, o primeiro dia foi dedicado a uma visita. Subindo o Capibaribe por água e por terra do Marco Zero em direção à Cidade da Copa. O importante era que os atores percebessem o território com seus próprios pés.

Após esta experiência sensorial, as manhãs dos três dias seguintes foram dedicadas a palestras,

seguidas por debates sobre a problemática. Os encontros foram ministrados por Palestrantes das Universidades, do poder público e da sociedade civil.

No período da tarde foi desenvolvido o processo de projeto colaborativo em equipes de 6 a 8 participantes. Depois desta familiarização com as várias perspectivas históricas, econômicas e ecológicas, o tempo foi integralmente dedicado ao trabalho de co-concepção. No final da primeira semana, aconteceu o tradicional *critical reviews*, onde todas as equipes defenderam suas estratégias na escala urbana através de fotos, mapas e esquemas conceituais.

Uma vez o conceito afinado após este dia de críticas, cada grupo teve quatro dias para fechar sua apresentação final.

O último dia, pico da atenção, a imprensa, responsáveis acadêmicos e políticos, profissionais e cidadãos interessados foram convidados a assistir e participar da crítica final das cinco propostas.

Maquetes, filmes, plantas ou esquema, qualquer linguagem foi bem vinda contanto que ajudasse a comunicar o projeto do grupo da melhor forma ao público mais abrangente. O Júri composto por representantes da Prefeitura do Recife, do Governo do Estado de Pernambuco, da Academia e do mundo profissional se posicionaram através de suas leituras críticas às propostas inovadoras apresentadas.

Com o encerramento deste último dia se fechou as cortinas deste peça. Entretanto, através dos 5 projetos e dos produtos realizados para divulga-los, tais como o website, e vídeo, o *IV Workshop Internacional de Desenho Urbano* mantém até hoje o debate do transporte urbano sobre barco aceso.

Esta apresentação rápida do *IV Workshop Internacional de Desenho Urbano do Recife* através desta analogia teatral, nos permite representar o andamento geral desta atividade. Agora nossa intenção é descrever, à luz desta experiência, mais precisamente os três eixos de reflexão que ao nosso ver caracterizam a originalidade e a relevância desta atividade.

Para identificar os conceitos relacionados ao *Workshop* e às noções ligadas a esta atividade, fundamentaremos nosso pensamento sobre a análise de uma prática por nós vivenciada. Em 2009, tivemos a oportunidade de participar do *IV Workshop Internacional de Desenho Urbano do Recife*^{vi}. Este evento proporcionou um encontro entre Professores e Alunos da Graduação e da Pós-Graduação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e da Escola Nacional Superior de Arquitetura de Marselha (ENSA-M). Nossa posição privilegiada na organização do evento, nos permitiu ter uma visão clara de todo o processo, desde a sua fase inicial de desenvolvimento até a

publicação de seus resultados, passando pela sua realização. A partir desta experiência, nós identificamos três eixos de reflexão que caracterizam, em nossa opinião, a originalidade e a relevância desta atividade.

O primeiro eixo de reflexão é o pedagógico. O *Workshop* proporciona abordagens ao aprendizado do Projeto significativamente diferentes daquelas presentes nos ateliês clássicos de longa duração, que são mais inspirados na tradição das Belas Artes do que na tradição da *Bauhaus*.

O primeiro elemento identificado é em relação à concepção. Embora o sistema das Belas Artes estruture o aprendizado na relação professor-aluno, onde o aluno desenvolve sozinho um projeto com a supervisão de seu professor, o *Workshop* coloca o aluno em um processo de concepção colaborativa. Esta atividade exige dele o desenvolvimento de faculdades de co-concepção (ZIMMERMAN, 2006). Além disso, dentro de uma equipe supervisionada por um professor, que tem o papel específico de facilitador, o aluno é obrigado a tomar uma postura e defendê-la face à postura dos outros membros, o que é muito diferente dos papéis pedagógicos que ocorrem no contexto da relação individual professor-aluno.

O segundo elemento corresponde à natureza dos problemas enfrentados pelos estudantes. Normalmente, o problema de projeto enfrentado em um contexto de *Workshop* faz parte de uma situação real que, supostamente, depende da complexidade urbana existente. Além disso, dado o contexto multidisciplinar das equipes, um esforço especial deve ser dedicado à identificação dos recursos de cada membro, às informações disponíveis e à seleção das informações necessárias para estruturar a estratégia de trabalho. O *Workshop*, deste ponto de vista, fornece um processo de familiarização à prática profissional, funcionando como um simulador de contexto real.

O terceiro elemento, próprio ao contexto do *Workshop*, está ligado ao objetivo de dar visibilidade aos projetos desenvolvidos fora do círculo restrito aos participantes, seja através de uma apresentação pública dos diversos produtos finais, ou através da produção de uma exposição, ou de um catálogo. A divulgação das propostas na esfera pública traz um desafio e uma motivação extras.

Quais são as vantagens e desvantagens de tal processo pedagógico, sobretudo dentro das estruturas curriculares vigentes nas escolas brasileiras? Que importância esta abordagem pode ter no percurso do estudante e quando ela pode ser iniciada? Quais são os potenciais de articulações verticais dentro da Graduação e entre a Graduação e a Pós-Graduação no Brasil? Qual é o papel que este tipo de ensino pode desempenhar na capacidade do futuro profissional em poder enfrentar a complexidade dos problemas que irá encontrar?

O segundo eixo de reflexão decorre desta interação entre o mundo acadêmico e o mundo profissional. A hibridação que foi possível realizar neste evento questionou a natureza dos projetos desenvolvidos. Embora o *IV Workshop Internacional de Desenho Urbano do Recife* tenha sido realizado no contexto acadêmico com alunos de graduação e de pós-graduação de Arquitetura e Urbanismo, qual foi a relevância dos projetos desenvolvidos face às restrições reais? Poderíamos considerá-los como projetos suscetíveis a inspirar as decisões das autoridades públicas? Ou deveríamos limitá-los aos objetivos educacionais? Dado o interesse demonstrado pelas autoridades e o esforço investido na divulgação de tais propostas, é interessante notar que qualquer que seja o impacto real, o *Workshop* parece abrir o debate e promover encontro entre universidade e sociedade.

O terceiro eixo de reflexão, que podemos tirar do *IV Workshop Internacional de Desenho Urbano do Recife*, está especificamente ligado ao caráter intercultural deste exercício. Várias línguas, várias culturas, tanto acadêmicas quanto profissionais e sociais,^{vii} estiveram reunidas para este evento, realizado em um tempo curto, mas intenso, a fim de trabalhar em conjunto no desenvolvimento de propostas de solução de problemas relacionados a uma realidade que, para alguns era o cotidiano, e que para outros era totalmente nova.

Apesar das múltiplas limitações, e levando em consideração os resultados obtidos, o *Workshop* parece fornecer um contexto de encontro, de intercâmbio e de colaboração entre diferentes culturas, especialmente eficiente. Como isso acontece? Quais são os fatores que permitem a transferência de saberes entre essas culturas e esta produção original do conhecimento? Seria possível tirar desta prática uma metodologia para a cooperação intercultural?

A partir das noções levantadas por estes 3 eixos de reflexão, podemos iniciar um trabalho de definição deste objeto específico que é o *Workshop* e identificar as problemáticas envolvidas. Poderíamos dizer que O *Workshop* é uma ferramenta que tem potenciais em termos educacionais, em termos de investigação profissional e em termos de dinâmica de cooperações interculturais.

Podemos então observar que o conceito de *Workshop*, além do seu próprio interesse, seja talvez a intercessão de questões mais amplas como a transferência e a produção de conhecimento no contexto intercultural; a relação entre atividades acadêmicas e o envolvimento nos problemas da cidade; ou ainda o desenvolvimento de um processo de aquisição de conhecimentos adaptado às necessidades do contexto atual.

5. CONCLUSÕES

Na primeira parte deste artigo definimos o tipo de *Workshop* que nós pretendemos estudar. Vimos que antes de tudo ele pode ser considerado como um tipo de Ateliê de projeto de Arquitetura e Urbanismo. Seu formato se destaca principalmente pela sua intensidade e sua curta duração. A perspectiva histórica ancorou sua origem no Ateliê e frisou sua proximidade com o processo pedagógico da *Bauhaus*. Através das referências nacionais e internacionais apresentadas, identificamos que o *Workshop* tem permitido a experimentação de métodos de ensino inovadores, tem sido ponto de encontro entre pesquisas acadêmicas e necessidades sociais, e tem fornecido bases para uma cooperação intercultural. Destacamos que apesar de sua ampla difusão, o *Workshop* carece de um embasamento teórico e metodológico sólido. Por esta razão, todo esse conhecimento precisa ser identificado, analisado e sistematizado, a fim de situá-lo e, em seguida, integrá-lo às práticas correntes. O principal objetivo de tal pesquisa seria demonstrar as potencialidades da participação do ensino do *Workshop* no desenvolvimento de um método de trabalho que possa orientar o arquiteto na complexidade dos problemas arquitetônicos e urbanos do século XXI. Estas preocupações são objeto de uma pesquisa que desenvolvemos atualmente no Programa de Pós-graduação de Arquitetura e Urbanismo na Universidade Federal de Rio Grande do Norte.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, V. R. **Parabéns, Wolf e todos**,. Blog. Disponível em: <<http://tinyurl.com/3g38fn7>>. Acesso em: 12 set. 2011.
- BOUTINET, J.-P. **Anthropologie du Projet**. Paris: Presses Universitaires de France - PUF, 1993.
- DIAS, M. Â.; TÂNGARI, V. R. Oficinas Arquitetura da Paisagem: uma atividade integradora de ensino de projeto. **IV PROJETAR**, p. 18, out 2009.
- FOERSTER, K. Alternative Educational Programs in Architecture: The Institute for Architecture and Urban Studies. In: STAUB, U.; GEISER, R. (Eds.). **Explorations in architecture: teaching, design, research**. Basel: Birkhäuser, 2008. .
- GEISER, R.; STAUB, U. **Explorations in architecture: teaching, design, research**. Basel: Birkhäuser, 2008.
- KELBAUGH, D. **Common place: toward neighborhood and regional design**. [S.l.]: University of Washington Press, 1997.
- L-AST. **Marseille centre vue par le collectif L-AST**. Marseille: Editions ENSA-Marseille, 2009.
- LARA, F. (In)disciplina: considerações sobre a autonomia do ensino de projeto. In: LARA, F.; MARQUES, S. (Eds.). **Projetar: desafios e conquistas da pesquisa e do ensino de Projeto**. Rio de Janeiro: EVC, 2003. .
- MACEDO, S. S. **QUAPASEL**. Blog. Disponível em: <<http://silviomacedo.wordpress.com/>>. Acesso em: 12 set. 2011.
- MARA, A. PEDAGOGICAL APPROACHES: Using Charettes to Perform Civic Engagement in Technical Communication Classrooms and Workplaces. **Technical Communication Quarterly**, v. 15, n. 2, p. 215-236, abr 2006.
- PEIRCE, C. **AA Visiting school 2010/11 Prospectus**. . [S.l.]: AA Print Studio. Disponível em: <<http://tinyurl.com/43doa4h>>. Acesso em: 12 set. 2011. , 2010
- TORRES DE MIRANDA, J. A relação entre teoria e prática na arquitetura e seu ensino: teoria reflexiva e projeto experimental. In: DUARTE, C. R.; RHEINGANTZ, P. A.; AZEVEDO, G.; BRONSTEIN, L. (Eds.). **O lugar do projeto no ensino e na pesquisa em arquitetura e urbanismo**. Rio de Janeiro: CONTRA CAPA, 2007. .
- ZARDINI, M. Dal Team X al Team x = From Team X to Team x : International Laboratory of Architecture and Urban Design (ILAUD). **Lotus international**. 95. [S.l.]: Gruppo Editoriale Electa, 1997. p. 76-97.
- ZIMMERMAN, A. **Guide sur le processus de conception intégré**. . Canada: Société canadienne d'hypothèques et de logement. , 2006

- i O uso contemporâneo em arquitetura e planejamento do termo Charrette surgiu a partir do século 19 na Escola des Beaux-Arts em Paris. A Escola enviava uma pessoa dirigindo um carro pequeno, ou Charrette, em torno de Paris para recolher projetos finais dos estudantes que precisava se apressar para terminar seus desenhos antes do carrinho passar. CHRISTENSEN. **Charette : History**. Disponível em: <<http://tinyurl.com/3fmv6s2>>. Acesso em: 12 set. 2011.
- ii Para mais detalhes sobre este Workshop, visite o site <http://barcobus.capibaribe.info>
- iii Para mais detalhes, visite o site <http://www.ilaud.eu/>
- iv 2003 I Workshop Internacional de Desenho Urbano UFPE / AA School
2005 Porto para Sempre: Estratégias de Desenho Urbano
2006 II Workshop Internacional de Desenho Urbano UFPE / AA School
2009 IV Workshop Internacional de Desenho Urbano Recife-Marseille: Potencialidades dos BarcoBus como alternativa para o transporte urbano.
2009 Projetos Urbanos Estruturadores.
- v Para mais detalhes, visite o site <http://tinyurl.com/3c8s4h3>
- vi Para mais detalhes sobre este Workshop, visite o site <http://barcobus.capibaribe.info>
- vii O evento reuniu franceses, brasileiros, alunos de graduação, de mestrado, de doutorado, profissionais independentes, técnicos de órgãos públicos, arquitetos urbanistas e geógrafos. (mais informações no site <http://barcobus.capibaribe.info>)